

O PAIC E SUA PROPOSTA DE FORMAÇÃO NA APRECIÇÃO DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

Maria Rosilane da Costa (1); Rejane Maria Dias de Oliveira (2); Orientador (3) Messias Holanda Dieb
Universidade Federal do Ceará- Faculdade de Educação- rosilane_professora@hotmail.com

Introdução

No estado do Ceará, as orientações para o ensino da linguagem escrita vêm passando por profundas transformações, sobretudo pelo acolhimento de novas perspectivas de língua e de linguagem, que são propagadas Brasil a fora como avanços teóricos também para a área educacional. As concepções de alfabetização têm sido reformuladas ao longo dos anos e, com isso, novas abordagens acerca do processo de ensino da leitura e da escrita surgem na tentativa de redirecionar a prática pedagógica nas redes estaduais e municipais de ensino. Por conseguinte, muitas ações voltadas para a formação dos professores alfabetizadores têm sido empreendidas para alcançar o objetivo de ensinar as crianças a ler e escrever.

Neste sentido, a partir da preocupação e do desejo de educadores e gestores, tanto em nível municipal como estadual, por políticas públicas educacionais que pudessem concretizar essa realidade, no ano de 2005, foi instituído, pelo Governo do Estado do Ceará, o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), que tem como um de seus objetivos subsidiar o trabalho pedagógico nos municípios para a elevação da qualidade do ensino da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental (CEARÁ, 2009). Esse programa, ainda hoje em vigor em todo o Estado do Ceará, proporciona formação continuada aos professores alfabetizadores os quais recebem um suporte voltado para o desenvolvimento de atividades diversificadas que possibilitam não somente aquisição da técnica e da prática de escrita, como também, habilidades de leitura por meio de uma matriz de Proposta Didática para Alfabetizar Letrando.

Apesar de todo o suporte anunciado pelo PAIC, os acontecimentos no cotidiano escolar são muitos e complexos em suas demandas, as quais surgem em função do trabalho pedagógico a ser desenvolvido pelos professores, especialmente no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita e à utilização dessas atividades como práticas essenciais à participação na sociedade contemporânea (SOARES, 1998). Decorrentes disso, os desafios enfrentados pelos professores para a efetivação das diretrizes pedagógicas do PAIC vão desde

suas condições de trabalho até as demandas trazidas pelos estudantes, os quais apresentam realidades sociais e níveis de aprendizagens de leitura e escrita bem heterogêneas.

Com base em tais circunstâncias, nos questionamos sobre até que ponto as propostas do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC) têm auxiliado os professores a repensarem, de modo efetivo, suas práticas e suas concepções sobre o ensinar a ler e a escrever, construindo com eles uma nova didática para a aprendizagem da escrita. Nesta perspectiva, o presente capítulo tem como objetivo discutir as apreciações que professores alfabetizadores de dois municípios cearenses fazem acerca das propostas de formação do PAIC para o ensino da leitura e escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. Embasaremos essa discussão na perspectiva do alfabetizar letrando (SOARES, 1998), a qual norteia as proposições apresentadas pelo PAIC e sobre a qual discorreremos, na sequência, enfocando suas principais diretrizes.

O processo de alfabetização como inserção das crianças em uma cultura letrada

No que diz respeito ao processo de alfabetização, isto é, ao acesso e à inserção das pessoas na cultura letrada, muitas são as discussões entre os que se dedicam a estudar o assunto, tanto do ponto de vista teórico como metodológico. Toda essa discussão se justifica porque não existe uma receita ou uma fórmula para se alfabetizar de modo eficaz e eficiente. Entretanto, algumas orientações sobre como proporcionar uma melhor inserção das pessoas na cultura da escrita já são aceitas como diretrizes consensuais e que orientam boa parte dos programas de formação de professores, tais como o PAIC, que aqui nos serve de ponto de partida para uma reflexão acerca do ensino da escrita. Uma dessas diretrizes que norteiam o ensino da leitura e da escrita, e que embasam as ações do PAIC, é a de que essas duas atividades interativas devem ser encaradas como práticas não só de comunicação, mas também, de participação social. Desse aspecto sociocultural já se ocupava Vygotsky (1989) quando afirmava que, na prática escolar, não se costuma dar atenção especial ao papel fundamental que a escrita desempenha no desenvolvimento cultural. Nessa perspectiva, o referido estudioso, ao discorrer sobre a pré-história da linguagem escrita, comenta que, pelo fato de o ensino da escrita estar baseado, na maioria das vezes, em um treinamento artificial que não leva em consideração as necessidades das crianças, sendo, pois, imposto pelos adultos, a linguagem escrita viva é relegada a um segundo plano.

Em uma outra perspectiva teórica, mas que também tem sido relevante ao desenvolvimento do PAIC e suas iniciativas de formação, encontram-se as reflexões de Ferreiro (2001, p. 9) que, com relação ao ensino da escrita, enfatiza a importância de se reconhecer no processo de aprendizagem, além de quem ensina e de quem aprende, um terceiro elemento deste processo que é a natureza do objeto de conhecimento. Com isso, sua teoria proporcionou uma ampla reflexão sobre os métodos tradicionais de ensinar a ler e escrever. Essa reflexão ganha ainda mais força e notoriedade no Brasil a partir das discussões de Magda Soares em torno do processo de letramento. Segundo Soares (1998), os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem e frequentemente se confundem, porque eles uma vez que a entrada da criança no mundo da escrita ocorre simultaneamente e se dá pelos processos de aquisição do sistema convencional de escrita, o que corresponde à alfabetização, e de desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita nas práticas sociais, sendo a isto o que se chamaria letramento.

Com base nessa perspectiva, o ideal seria alfabetizar letrando (SOARES, 1998), o que corresponde a uma prática de ensino voltada para a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) envolvendo situações do uso social da escrita em que a capacidade de ler e produzir textos com finalidades distintas seja a tônica do trabalho do professor junto aos estudantes, independentemente da idade em que estes se encontrem. Ainda que tais aspectos sejam plenamente realizáveis, sabemos que as vicissitudes no interior da escola podem dificultar algumas ações e/ou dar-lhes outras características, inclusive aquelas tradicionalmente conhecidas e referenciadas por Vygotsky (1989) em relação ao ensino da linguagem escrita. Por este motivo, é que nos interessa não apenas discutir tais vicissitudes, mas também, e principalmente, o modo como os professores alfabetizadores buscam congregar as orientações que recebem nas formações do PAIC a sua prática cotidiana.

A construção dos dados da pesquisa

A metodologia empregada neste trabalho é baseada na perspectiva de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, visto que buscou expor o modo como professores alfabetizadores de dois municípios cearenses percebem a proposta de formação do PAIC para o ensino da leitura e escrita a estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Em função disso, utilizamos a técnica do questionário, contendo perguntas abertas relacionadas ao objeto

em estudo, complementando-o com a entrevista semiestruturada. Essa complementação da entrevista em relação ao questionário se justifica na medida em que as respostas dadas pelos sujeitos, ao utilizarmos este instrumento, deixaram algumas questões sem o devido aprofundamento. Foram pesquisadas treze professoras que estão inseridas em dois municípios cearenses e fazem parte do quadro permanente de funcionários das respectivas secretarias municipais de educação. Feita essa caracterização dos sujeitos da pesquisa, analisaremos os dados que foram construídos a partir de suas respostas ao participarem nas duas técnicas adotadas. A organização dos dados e sua análise foram produzidas com base, essencialmente, nas opiniões e atitudes das professoras em relação às proposições do PAIC e nos trechos em que elas relatam sobre o que fazem em sala de aula a partir dessas proposições.

Resultados e Discussão

A partir de uma perspectiva histórica acerca da alfabetização no país, em especial, no Estado do Ceará, é visível a compreensão das políticas públicas educacionais voltadas para as séries iniciais no tocante ao ensino da leitura e da escrita. Elas têm se concretizado a partir de propostas de formação que visem atender às expectativas dos professores e à complexidade de fatores que permeiam o processo de alfabetização/letramento, o qual deve ocorrer de modo indissociável e ser levado em consideração no ensino-aprendizagem acerca das práticas sociais de uso da leitura e da escrita. Nesse sentido, a formação continuada ofertada pelo PAIC parece servir de aporte teórico e favorecer uma prática pedagógica significativa para as professoras, quando estas relatam sobre a efetiva contribuição e significado desta formação no dia-a-dia de suas ocupações. As professoras afirmam um alto grau de aproveitamento, em suas salas de aula, das proposições feitas pelos professores-formadores do PAIC haja visto as possibilidades de dinamização das aulas e a adequação ao contexto de aprendizagem dos estudantes. Nesse sentido, é compreensível a aceitação das propostas por parte das professoras, uma vez que tais propostas parecem levar em consideração o que é defendido por Ferreira (2001) sobre a importância de se reconhecer no processo de aprendizagem, além de quem ensina e de quem aprende, um terceiro elemento deste processo que é a natureza do objeto de conhecimento. Em outros termos, sem estar adequado à idade e à série em que se encontram as crianças na escola e sem respeitar a heterogeneidade de ritmos de aprendizagem entre elas, nenhuma proposta de ensino alcançará o sucesso almejado quanto à apropriação dos conteúdos pelas crianças.

A partir do que relatam as professoras, a formação do PAIC tem se caracterizado como um fator preponderante na elaboração de seu planejamento, sendo um elemento norteador de suas aulas, tanto na elaboração e execução das atividades que facilitam o processo de alfabetização, como na compreensão do professor quanto aos diferentes ritmos de aprendizagem das crianças no processo de aquisição da linguagem escrita e leitura. Como podemos constatar, as professoras atribuem às sugestões e propostas oferecidas pelo programa boa parte do sucesso na aprendizagem das crianças. Ao que parece, tais propostas levam em consideração ainda o fato de que não basta apenas um bom planejamento de aula, mas também, e principalmente, que a produção da aprendizagem sobre um determinado objeto resulte de uma construção efetiva e contínua, sempre mediada pelas estruturas internas do sujeito, as quais são tomadas como referências pelos professores, em função da idade das crianças, no momento mesmo de elaborar o planejamento.

No entanto, apesar de todas essas vantagens e elogios, as propostas de ensino da linguagem escrita, lançadas pelos formadores do PAIC, também parecem encontrar críticas entre uma significativa parte de professores. Isso se justifica, de modo mais efetivo, em função das diversas dificuldades encontradas pelos sujeitos no ambiente escolar para o desenvolvimento de algumas atividades em sala. Em contrapartida, uma das principais críticas que foram formuladas, pelas professoras, às proposições do PAIC acerca do ensino da leitura e da escrita vai exatamente de encontro ao que o próprio nome do programa se propõe: alfabetizar na idade certa. Apesar de essa denominação merecer uma reflexão maior de nossa parte, acerca do que seria uma idade certa para a criança ser alfabetizada, o espaço de que dispomos, neste capítulo, não nos permitiria fazê-la.

Constatamos a partir da opinião dessas professoras que as propostas de atividades sobre leituras e escrita oferecidas pelos formadores do PAIC são passíveis de crítica pelo fato de que elas precisam de alguma adaptação em relação ao contexto de heterogeneidade de letramentos entre os estudantes. Aos vários aspectos dessa heterogeneidade, as professoras intitulam necessidades, dificuldades ou até mesmo nível de conhecimento, o qual inferimos se tratar de algum conhecimento das crianças sobre o ato de ler e escrever. É, portanto, um posicionamento interessante de se refletir sobre ele na medida em que as professoras parecem esquecer de seu protagonismo como agente de letramento dessas crianças.

Considerações Finais

Ao término da análise dos dados, construídos a partir de questionários e entrevistas, concluímos que os professores, em suas opiniões sobre o programa, fazem menção principalmente ao aproveitamento e à aplicação da proposta do PAIC em suas salas de aula e aos problemas que afetam e dificultam diretamente essa aplicação. No que concerne ao aproveitamento e à aplicação das propostas do PAIC em suas salas de aula, as professoras afirmaram que tais propostas são de grande relevância para elas porque contribuem com o planejamento e a execução de atividades que facilitam o processo de alfabetização, auxiliando-as quanto aos diferentes ritmos de aprendizagem das crianças no processo de aquisição da linguagem escrita e da leitura. Além disso, uma desarticulação no planejamento das atividades contribui para que a escola continue perpetuando o que Vygotsky (1989) tanto criticava, ou seja, que, na prática escolar, não se costuma dar atenção especial ao papel fundamental que a escrita e a leitura desempenham no desenvolvimento cultural dos sujeitos.

Concluímos, a partir disso, que ainda padecemos na escola de uma certa disciplinarização dos conteúdos, especialmente daqueles relativos aos usos da linguagem, os quais ficam restritos à disciplina de língua portuguesa. Desta maneira, o ensino da linguagem escrita corre o risco de permanecer focalizando nas características do código alfabético e na aquisição de uma habilidade técnica, sem levar em consideração os diversos usos desse código e dessa técnica em práticas sociais de interação. Em outros termos, o processo de alfabetização de nossas crianças pode continuar se distanciando da apropriação dos letramentos sociais, indiciando, assim, um certo “desperdício” de investimentos em programas como o PAIC, já que suas finalidades não estão sendo alcançadas pela ausência de um acompanhamento maior aos docentes de melhoria de suas condições de trabalho.

Referências

CEARÁ. Proposta didática para alfabetizar letrando por Maria Simonetti Gomes de Andrade. 3 ed. rev. amp. Fortaleza: Seduc, 2009.

FERREIRO, E. Cultura escrita e educação: conversas de Emilia Ferreiro com José Antonio Castorina, Daniel Goldin e Rosa María Torres. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOARES, M. B. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VYGOTSKY, L.S. Formação social da mente. Martins Fontes. São Paulo. 1989.